

55° ANO

Reader's
Digest
Seleções

MAIO 1997

Artigos de interesse permanente



Um tipo especial de teimosia

**Como um amigo
extraordinário me
deu a coragem de lutar
por meus sonhos**

JOAN CURTIS

ENCONTREI pela primeira vez Lamar Dodd há 15 anos, em Athens, no sul dos Estados Unidos, no Museu de Arte de Geórgia. O museu inaugurava uma exposição de suas obras e todo mundo ia estar presente.

Dodd era uma lenda viva em Athens, onde inspirou uma geração de jovens artistas e criou, na Universidade da Geórgia, um dos departamentos de arte mais renomados do país. Era mais do que um educador conhecido. Era um homem que ousa-

ra viver seu sonho, o que para mim ainda parecia envolver grandes dificuldades.

Por muitos anos eu vinha trabalhando no treinamento do pessoal administrativo da universidade estadual, mas a rotina e a burocracia começavam a me sufocar. Agora, achava-me em uma encruzilhada profissional. Poderia continuar onde estava, em segurança, mas sem esperanças de crescimento, ou poderia abrir meu próprio negócio. Esta era, há muito, minha ambição secreta.

Enquanto meu marido e eu atravessávamos os salões cobertos de mármore, observei os homens de *smoking* e mulheres em vestidos de *chiffon* tagarelando à vontade. Sentia-me deslocada entre essa gente bem-sucedida. Na sala de exposições, Dodd estava rodeado pelos admiradores. Não era um homenzarrão. Tinha cerca de 1,70m, mas roubava todas as atenções. Uma cabeleira branca cobria-lhe a cabeça. Apoiava-se em uma bengala com detalhes dourados.

Enquanto nos aproximávamos, impressionei-me com o brilho dos olhos azuis de Dodd. Depois de alguns minutos de conversa, percebi que, enquanto falava, concentrava toda sua atenção em mim. Alguma coisa nele me fazia sentir segura e aceita.

Olhei para as telas encomendadas pela NASA, a fim de comemorar a conquista do espaço. Eram trabalhos de grandes dimensões, repletos de linhas fortes e traços em cores vivas. Os conceitos do artista e seus movimentos vigorosos mostravam-se quase tão ousados quanto a conquista que celebravam.

Após aquela noite, não esperava voltar a ver Dodd. Mas uma semana depois, telefonou. Convidou-nos para ver alguns estudos que fizera para uma pintura e também conversar sobre seu trabalho.

Dodd encontrou-se conosco na porta de casa e nos conduziu até o ateliê. Bem no meio havia um cavalete com uma enorme tela. Vidros, pincéis e paletas de tinta estavam depositados sobre uma pequenina mesa, à direita do cavalete. Centenas de telas enfiadas em escaninhos e outras tantas se espalhavam por todos os espaços vazios.

Dodd queria representar na pintura a alma no momento em que supera a doença. Falava sobre a melhor forma para se criar as visões do tumulto, das provações e da cura que atravessam a existência humana. Ele e meu marido conversaram sobre as imagens que poderiam melhor captar essas visões.

– E o que você acha, minha querida? – perguntou-me.

Incluiu-me na conversa com tanta naturalidade que, pouco mais tarde, tomando uma xícara de café, peguei-me falando sobre o sonho de abrir um negócio que me permitisse ensinar e escrever, as duas coisas que eu mais amava fazer.

– Você está com medo – disse com simplicidade. – Conheço bem os sintomas.

– É difícil de imaginar – retruquei.

– Por quê? Tive medo a vida inteira – falou. – Mas coragem não é mais do que teimosia e isto eu tenho de sobra. Significa despertar a cada dia pronto para fazer o que tem de ser feito, partir para outra nos momentos difíceis e

abrir caminho quando os outros jogam você para baixo.

– Quando terminei o colégio – continuou –, fui para a Geórgia Tech estudar arquitetura. Mas não era isto o que meu coração pedia. Queria agradecer aos outros e não a mim mesmo. Voltei para casa menos de um ano depois me sentindo um fracasso. Ficava trancado no quarto.

– E como saiu dessa?

– Recebi uma proposta para ensinar arte em uma pequena escola no Alabama. Ao trabalhar com gente jovem, abandonei minhas dúvidas e medos e mergulhei de cabeça na pintura. Jurei a mim mesmo trabalhar todos os dias, sem me importar se estava me sentindo bem ou mal.

E o resto é história, pensei. Queria que pudesse ser fácil assim para mim.

Aparentemente, no entanto, o que aconteceu depois não entrou para a história nem foi fácil para Lamar Dodd. Depois de um ano de aulas, ele foi para Nova York, onde teve de lidar com a solidão, a pobreza e professores que desprezavam seu trabalho. Sua vida esteve repleta das mesmas dúvidas e dificuldades que tanto nos perseguem. E ainda assim, conseguiu superar as barreiras.

Lamar Dodd e eu nos tornamos amigos. Descobri que tinha também seu lado inflexível. Certa vez, estava chovendo depois que terminamos de almoçar em um restaurante. Lamar acompanhou-me até o carro. Ofereci-lhe carona até o alto de uma ladeira onde havia parado o seu próprio carro.

– Não é necessário – respondeu. – Uma chuvinha não faz mal a ninguém.

Não aceitou sequer o meu guarda-chuva emprestado. Acreditando ser seu páreo em matéria de obstinação, fui com ele até o carro, segurando o guarda-chuva sobre sua cabeça. Em seguida, Lamar declarou que se sentia ferido em seus princípios de cavalheiro sulista ao deixar uma dama ir sozinha até seu carro. Insistiu em voltar comigo. E lá fomos nós de volta, para enorme espanto de alguns comensais que ocupavam mesas sob o toldo do restaurante. Finalmente o deixei partir, encharcado, mas com o orgulho intacto.

Freqüentemente ia à sua casa. Sempre me encorajou a dar a guinada que eu ensaiava para a minha vida. Mas eu ainda não tentava realizar meus sonhos na prática. Enquanto isto, Lamar produziu uma série de aquarelas geniais. Foram pintadas a partir das memórias dos girassóis que havia visto em Cortona, na Itália, e dos pescadores da costa do Maine. Sua imaginação e capacidade criativa pareciam ilimitadas.

Então Lamar sofreu um derrame.

Passei semanas temendo por sua vida. A mão direita, que ele usava para pintar, ficou paralisada. E, com ela, toda a sua coragem tinha sido esmagada, eu imaginava.

Finalmente, fui visitá-lo. Bati na porta e ouvi passos pesados se aproximando. Quando abriu, vi a vasta cabeleira branca tão familiar. Seus olhos estavam nublados. Mas aquele brilho tão particular ainda estava lá.

– Que prazer poder vê-la, minha querida! – disse. A voz lembrava um gravador com a velocidade ligeira-

mente alterada. Ele se curvou sobre a bengala dourada, a mão direita descansando sobre a alça. Fomos até a sala de estar ao lado de seu ateliê e falamos de muitas coisas, mas não mencionamos aquela transformação devastadora. Aos poucos, no seu jeito de cavalheiro à moda antiga, ele foi desviando o assunto para mim, minhas preocupações e ambições.

Antes de partir, passei no banheiro. Quando voltei para me despedir, encontrei Lamar no ateliê. Ele se arrastara até o cavalete e, de pé, demonstrava grande concentração. Sobre uma enorme moldura, estava magnífica pintura a óleo representando uma ilha que se destacava no turbulento oceano azul-esverdeado. Enquanto o observava do corredor, senti o coração apertado. Deveria ser muito triste contemplar um trabalho que já não se pode fazer.

Então uma coisa notável aconteceu. Lamar pegou o pincel com a mão esquerda e aproximou-se com dificuldade da tela. Transferiu o pincel para a mão direita, que jazia inerte. Em um esforço supremo, prendeu o pincel en-

tre dois dedos e apertou o cabo contra a palma da mão. Em seguida, com a ajuda da mão esquerda – e um cuidado desesperado –, passou o pincel sobre a superfície, deixando uma linha colorida perfeita.

Depois de alguns momentos, voltou-se para mim, que o observava. Lentamente baixou o pincel.

– Basta experimentar, minha querida – disse ele. – Coragem não é nada mais do que teimosia.

Com lágrimas nos olhos, aproximei-me, dei-lhe um beijo no rosto e saí.

Minha vida mudou depois daquela visita. Deixei o emprego e abri uma pequena empresa de consultoria, como sempre sonhara. Da mesma forma que Lamar na juventude, tinha dúvidas sobre o meu sucesso. E como Lamar, que continuou a pintar até falecer, aos 86 anos, espero superar os obstáculos que a vida colocar diante de mim. Meu querido amigo e mentor tinha a convicção de que coragem era uma forma de teimosia. Desde então, descobri que se trata de bem mais. É a essência do espírito criativo, a força vital do coração dos homens.



E para completar...

O escritor Larry McMurtry recorda-se da produção de *Lovin' Molly*, o filme baseado em seu livro *Leaving Cheyenne*. “Durante a projeção do filme as pessoas insistiam em rir na hora errada, e algumas se retiraram. Próximo ao interminável fim, percebi que uma mulher atrás de mim chorava há uns vinte minutos. Imaginando que tipo de mulher choraria por causa de um filme assim, arrisquei uma olhada para trás. Era minha empresária.”